

A PAZ NA PRISÃO, ESSA CAMISA EU VISTO!

ANGELA MORAES CORDEIRO SENA¹
DENISE TOSTA SANTOS²

INTRODUÇÃO

O Projeto *A Paz na Prisão, essa camisa eu visto!*, foi desenvolvido com os alunos internos da Unidade Prisional Complexo Penitenciário Masculino Salvador - Socializa, regulamente matriculados na Unidade de Ensino no Colégio Professor George Fragoso Modesto, localizado dentro do Complexo Penitenciário, no bairro da Mata Escura, na cidade de Salvador/Bahia.

Esse Projeto foi uma das ações pedagógicas utilizadas pelas educadoras Angela Sena e Denise Tosta, que objetivou colaborar no processo de reflexão e entendimento dos estudantes privados de liberdades sobre a paz, mesmo num ambiente difícil e inóspito como o cárcere, em que sua existência (paz) é abortada constantemente, ou mesmo onde sua tentativa de construção é irrefletidamente rechaçada.

Entretanto, o modelo perverso de sobrevivência prisional costumadamente seguido, e que insiste em ter legitimidade, esse *modus operadi*, não é senão uma expressão singular e contextualizada do que há de mais hediondo na experiência humana, assimilados através das inconsequentes guerras entre nações, nas crueldades presentes em guerrilhas de facções, nas disputas inacreditáveis por ossos e restos de comida, nos absurdos conflitos ideológicos e tóxicos entre pessoas

1 Doutorado – Universidad Interamericana- Assunção-PY - E-mail: angfamsena@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7090891593894228> - ID Lattes: 7090891593894228. E-mail: angfamsena@gmail.com

2 Doutorado – Universitat de Barcelona, UB, Espanha - E-mail: denitosta@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7520237552555858> - ID Lattes: 7520237552555858. E-mail: denitosta@gmail.com

públicas de volumosa expressão, no descontrole emocional e desrespeito por si mesmo, na intolerância desmedida pela alteridade, ou ainda do vívido antagonismo para com a mais singela diferença (hoje bastante evidenciado nas redes sociais e mediáticas), enfim, todos esses aspectos e tantos outros, acabam por se transformar em modelos que contribuem negativamente na potencialização dessa atmosfera de medo, ódio e violência, que, de modo crescente, observamos em nossa sociedade moderna, e que ressurge inevitavelmente em sua forma mais brutal num espaço complexo como o espaço prisional.

Esse citado espaço prisional apresenta inúmeras dificuldades. A dinâmica interna estabelecida, desleal e desumana, muitas vezes contradiz a teoria externa, fomentando sentimentos de difícil administração emocional. Aos internos, que por seus equívocos sociais, ficaram privados de liberdade, para futura ressocialização, lhes são suprimidas as condições básicas de humanidade: alimentação acentuadamente inadequada; precárias condições sanitárias e de higienização; quase inexistência de amparo médico, psicológico e social elementar; e processo reeducativo ineficiente estabelecido por uma condução que geralmente não integra e não transforma. Os agentes públicos, por ignorância ou recalque emocional, transformam-se em algozes dos sentenciados, reforçando as concepções, discursos e comportamentos equivocados de papéis sociais que deveriam ser transformados ou suprimidos. Por fim, como nos lembra Onofre (2011), "...a arquitetura prisional e as rotinas a que os sentenciados são submetidos demonstram um desrespeito aos direitos do ser humano à vida (...), acentuando-se os contrastes entre os propósitos das políticas penitenciárias (...) e a reinserção social" (ONOFRE, 2011, p.268).

Diante deste cenário, a paz é possível? Qual paz será possível? Qual a minha contribuição na promoção desta paz? Que paz eu visto? Ou no dizer do poeta, qual paz que eu deveria ter, mas não quero seguir admitindo? "A minha alma 'tá armada e apontada para a cara do sossego. Pois paz sem voz, paz sem voz, não é paz, é medo! Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela quem diz, qual a paz que eu não quero ... paz que eu não quero seguir admitindo"³.

3 O Rappa, letra da música *Minha Alma (A paz que eu não quero)*.

DO PROJETO À PAZ

Os Projetos trabalhados em sala, são integrantes da Política Pedagógica da Escola, que realiza um amplo processo interdisciplinar de estudo e discussão, debatendo temas vinculados aos conflitos sociais, raciais e de gênero existentes na sociedade atual.

Têm por base a perspectiva de olhar o aluno-interno como um agente transformador do conhecimento, respeitá-lo, apesar dos deslizes sociais, como merecedor do conhecimento, incentivando-o a ser um agente transformador onde quer que ele se encontrasse. Silva enfatiza esse aspecto ao dizer que:

“A pessoa privada de liberdade é, do ponto de vista de sua natureza ontológica, de sua constituição orgânica e do aparato epistemológico, um ser humano como outro qualquer, portanto, dotados dos mesmos atributos por meio do qual se dá a apreensão, armazenamento e processamento da informação para transformá-la em conhecimento cognitivo”. (SILVA, 2018, p.14).

A partir destes Projetos, logo se percebeu que uma temática se apresentava frequente, tornando-se imediata o seu debate dentro daquele contexto: a convivência dentro da prisão. Esta convivência, geralmente tensa e conflituosa, provocava em muitos aluno-internos instabilidade psicológica, alteração do humor, baixa estima, falta de concentração nos estudos, exacerbação descontrolada de emoções como a raiva e o medo, convertendo-se em sentimentos negativos de ódio e vingança. Por isso, a escolha por se trabalhar o tema da paz (nos) pareceu inevitável e imediata.

Nesse sentido, o objetivo do Projeto *A Paz na Prisão* buscou preparar o aluno a respeito da importância de reconhecer em si a paz que ele almejava idealisticamente e a paz real que ele vestia. Nesse caminhar se foi construindo um processo lento e difícil de formação de valores éticos que estimulava o potencial de socialização de maneira responsável e crítica. Ele foi pensado numa perspectiva de aplicação prática no próprio contexto prisional, qual seja, de que as aulas pudessem conduzi-lo não somente para a compreensão temática de autorreflexão – num processo cuidadoso de enfrentamento de suas próprias concepções – mas que posteriormente pudessem se converter num

comportamento social positivo que provocasse menos prejuízo a si mesmo e à própria comunidade ao qual estiver vinculado.

A metodologia deste projeto já vem sendo utilizada no PPP da Unidade de ensino. Baseada na metodologia freiriana - metodologia libertadora – busca levar em consideração os aspectos socioculturais do educando e o contexto (prisional) no qual ele está inserido. A metodologia de trabalho foi efetivada buscando seguir um plano de ação cujo objetivo estava na tomada de consciência, na transformação social e na promoção da paz pelos próprios estudantes.

A avaliação geral do processo foi sendo realizada mensalmente, procurando descrever e analisar os aspectos positivos e negativos do trabalho até então desenvolvido, com o intuito de diversificar as atividades para a conseqüente melhoria do Projeto. Para tanto, valeu-se dos seguintes instrumentos de avaliação: diálogos; registro de observações; questionários; debates em grupos; mudança de atitudes; o repensar sobre atividades pré-estabelecidas; participação e envolvimento.

Foi possível cumprir as etapas planejadas, seguindo o cronograma montado para o desenvolvimento das ações propostas: **Maio** – lançamento do projeto a paz que eu visto, Brainstorm – com os alunos ouvir, anotar as ideias que eles têm sobre a paz, O que significa a paz que eu visto – diálogo . **Junho** – mostra de documentários, filmes e músicas sobre a paz. **Julho** – análise das ideias, esboços dos desenhos, elaboração de acróstico, paródia. **Agosto** – escolha das melhores ideias e desenhos para compor a camiseta e escrita de uma cartilha para a paz no ambiente dos privados de liberdade. **Setembro** – pintura das camisetas. **Outubro** – apresentação do trabalho final para toda a comunidade com exibição das camisetas

Nesses moldes, o Projeto foi apresentado e bem recebido pelos educandos que gradativamente passaram a aceitar a ideia de desenvolverem um olhar mais franco e perceptivo sobre si mesmos para que eles mesmos pudessem identificar os comportamentos que geravam violência. Do mesmo modo eram esclarecidos e orientados a controlar seus impulsos emocionais e compreenderem como melhor trabalhar os sentimentos destrutivos que eram geralmente desencadeados pelas difíceis situações enfrentadas no ambiente carcerário.

Os educandos traçaram um planejamento orientados pelas educadoras, sobre as ações pedagógicas que gostariam de desenvolver

para realização do projeto proposto, onde o diálogo, a reflexão e a elaboração do conjunto de regras começaram a fazer parte do processo. Para inspiração e motivação da turma, houve exibição de filmes, leitura de pequenos textos, músicas, documentários com reflexão sobre a paz e sobre as atitudes que levavam as pessoas a adotarem determinados comportamentos. O aluno foi sendo conduzido a conhecer e identificar atitudes que desencadeavam a violência e estimulado a desenvolver atitudes construtivas para a concretização da paz que deveriam vestir.

Uma amostra ilustrativa desse processo ocorria durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, donde surgiam diversos questionamentos que eram conduzidos à reflexões e autorreflexões. Perguntava um dos alunos: “Mas como recuperar o nosso lado bom (a sua humanidade), se somos tratados como lixo humano?” Protesta outro: “Aqui professora, nem pelo nome nos chamam, independentemente do tipo de crime, todos são chamados por ladrão, como mudar isso?” E mais um complementa: “Até se a senhora for chamar atenção dos agentes penitenciários que agem dessa forma, vai ficar complicado para seu lado também, né? Diga se, não é?” A partir dessas provocações, o educador conduzia o aluno a perceber que essas ações também não eram adequadas e nem corretas, mas que a mudança mais importante seria aquela realizada por eles mesmos, interiormente. Nesta linha de pensamento torna pertinente as palavras de Freire quando afirma que “(...) na distinção entre educação sistemática, a que só pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos que devem ser realizados com os oprimidos no processo de sua organização.” (FREIRE, 1988, p.41).

As observações realizadas por eles, após assistirem e ouvirem depoimentos colhidos nos documentários e também nos seus próprios relatos, eram listadas, e novamente debatidas como as contribuições práticas que para a promoção da PAZ que deveriam vestir através de gestos concretos com os colegas, com os professores, com os funcionários e com as pessoas que circulam no ambiente ondem estavam.

Também tentaram elaborar frases, cartazes, poemas, acrósticos e paródias que contribuíssem para a percepção da paz e que refletissem as ações transformadoras da realidade por eles vivenciadas. Após o amadurecimento das temáticas trabalhadas em sala de aula foi combinado trabalho final de apresentação com a criação de uma camisa

que representasse o projeto. “A paz na prisão, essa camisa eu visto”! No momento final, todos de mãos dadas vestiram uma camisa confeccionada por eles, com os desenhos e frases que cada um criou sobre “a paz que eu visto”.

Deste modo, pôde-se observar que as sementes do projeto passaram a dar os primeiros frutos. A importância desse processo trabalhado inicialmente no entendimento e reflexão, contribuiu para o fortalecimento psicológico e controle emocional dos educandos, que relatavam a própria percepção de suas mudanças, atribuindo, por exemplo, menos importância a determinadas situações que o levavam fatalmente a outro problema ainda maior por não conseguirem controlar a sua impulsividade, e que esse descontrole - refletiam eles - os levavam a espaços onde receberiam “castigos”, e estes, geravam ainda mais sentimentos de ódio e vingança fazendo com que eles próprios perdessem o pouco da paz que, lenta e dificilmente, estavam conquistando. Assim desde já se mostrava eficaz por auxiliá-los a entender que o processo de paz dependia muito mais do que estava sendo construído por dentro do que já se estava construído por fora em cada um deles. Ao entenderem que a paz era perdida quando eles próprios assim o permitiam, dispuseram-se então a canalizar toda energia na recuperação de sua “humanidade roubada”.

RESULTADOS

O ponto mais importante do projeto foi fazer com que os educandos durante o desenvolvimento de cada etapa do processo refletissem sobre os conflitos ocasionados pela convivência e como a paz pode estar presente nas pequenas ações do cotidiano, seja no jeito de se comunicar com os outros, seja na forma de lidar com os conflitos e sentimentos. Saberem também a importância de lidarem com a frustração e raiva, na sua capacidade de reconhecer e valorizar as diferenças e serem tolerantes.

Não dá para pensarmos em um mundo sem conflitos, sem violência se as pessoas, nas suas individualidades não conseguem estar em Paz, principalmente quando elas se encontram encarceradas, “temos que admitir que as políticas de humanização, reeducação e reinserção social dos aprisionados encontram dificuldades na sua concretização” (ONOFRE, 2011, p.269). Por isso foi muito oportuno trabalhar com

textos, documentários e músicas focados na paz, para que cada um se percebesse como o único responsável por buscar a Paz dentro de si e acreditar que o mundo possa se transformar em lugar menos violento.

O projeto também buscou propiciar uma reflexão sobre: Qual é o custo da Paz? Essa provocação é justamente para analisarem o que é viver numa ilusão de paz quando alguém se propõe a levar a vida com a falta da verdade, principalmente com a negação da sua própria verdade. E durante os debates, os momentos de falas e situações vivenciadas por eles, foi notório perceber que entenderam que é impossível a relação da paz com mentira. Viram assim, que o custo de uma suposta paz é viver na mentira sem a verdade, logo não é paz.

Aprenderam a importância de serem autênticos evitando seguir amigos com comportamentos duvidosos, que as vezes só para agradar ou está incluído no grupo evitava dizer o que pensava para evitar conflito com o outro dizendo sim a tudo, mesmo as vezes travando uma guerra imensa dentro dele por estar fazendo ou seguindo algo que não concordava, abrindo mão da sua paz, autenticidade e principalmente da sua liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que este projeto instigou a criticidade dos alunos enquanto sujeito, pois falar sobre a paz fortaleceu o papel social que cada um de nós temos neste processo de construção uma vez que é a partir dela e por meio dela que nos possibilita o trânsito sociocultural com eficácia. Neste sentido, a proposta deste projeto a partir da literatura relacionada a paz, a utilização de músicas sobre o tema, resultou na produção de um painel interativo e de uma camisa sobre a paz que me veste, possibilitando uma nova reflexão sobre a temática da paz que na maior parte das vezes é indicada com sentido único de busca por felicidade como se consistisse em algo simples e fácil de obter. Os recursos alternativos podem estabelecer, por parte do professor, maior comprometimento, mas oportuniza ao aluno outra maneira de reflexão para conseguir argumentos providos de criticidade.

A aplicação do projeto oportunizou em classe um debate entusiasmado entre aos alunos a assumirem uma posição relativa à situação que vivemos hoje referente a paz, e sua relevância está na medida em que possibilita o desenvolvimento da produção escrita, artística,

o debate e o posicionamento crítico dos alunos. Por fim, esta foi a proposta do projeto *A Paz na Prisão, essa camisa eu visto!* Ela já está posta e em execução. Proposta de enfrentamento inicialmente a nível teórico do entendimento, da compreensão e, quiçá com as bênçãos de Oxalá, seja convertida em entendimento pragmático de conquista consciente da paz possível.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18ª edição. Vol.21.1988 . Editora: Paz e Terra.

SILVA, Roberto. **Didática no Cárcere II. Entender a natureza para entender o ser humano e o seu mundo**. 1ª Edição. São Paulo. Giostri Editora LTDA.2018

ONOFRE. *Elenice Maria Cammarosano*. **O espaço da prisão e suas práticas educativas- Enfoques e perspectivas contemporâneas**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.EDUFSCAR.2011.

PELIZZOLI, Marcelo. *Cultura de paz: a alteridade em jogo / Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. 305 p.*

FREIRE, Marcelino. *Rasif: mar que arrebenta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.